

## **CORES E DORES DO TRABALHO DOCENTE: OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA PARA ROSÁRIA DOS REIS FRANCISCO DOS SANTOS: UMA PROFESSORA NEGRA QUE ATUA NO MEIO RURAL, NO MUNICÍPIO DE GOIÁS**

**COLORS AND PAINS OF TEACHING WORK: THE MEANINGS ATTRIBUTED TO THE  
SCHOOL FOR ROSÁRIA DOS REIS FRANCISCO DOS SANTOS: A BLACK TEACHER  
WHO WORKS IN THE RURAL ENVIRONMENT, IN THE MUNICIPALITY OF GOIÁS**

Jordanna Victoria Pinheiro dos Santos<sup>15</sup>.

Rosivaldo Pereira de Almeida<sup>16</sup>  
Universidade Estadual de Goiás

**Área do Conhecimento:** Educação.

**Resumo:** O trabalho trata dos sentidos atribuídos à escola por Rosária dos Reis Francisco dos Santos, mulher negra e professora do ensino fundamental, que atua na Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, instalada no Distrito de Barra (Buenolândia), no Município de Goiás. Por meio da metodologia da Pesquisa Participante procuramos apreender o objeto de análise a partir da sua trajetória profissional, suas dificuldades, seus anseios, em especial o cotidiano como professora negra que trabalha no campo.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Professoras Negras.

**Abstract:** The work deals with the meanings attributed to the school by Rosária dos Reis Francisco dos Santos, a black woman and elementary school teacher, who works at the Terezinha de Jesus Rocha Municipal School, located in the District of Barra (Buenolândia), in the municipality of Goiás. Through the methodology of Participant Research we seek to apprehend the object of analysis from her professional trajectory, her difficulties, her longings, especially her daily life as a black teacher working in the field.

**Keywords:** Field Education; Black teachers.

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho é parte constitutiva da pesquisa em andamento “Sentidos atribuídos à escolarização e ao trabalho docente pelos professores que atuam no meio rural, no Município de Goiás”, coordenado pelo Prof. Dr. Rosivaldo Pereira de Almeida. O projeto objetiva investigar os sentidos atribuídos à escolarização e ao trabalho docente pelos professores que atuam no meio rural no Município de Goiás. Busca apreender a escola e o trabalho docente a partir das falas dos professores e dos nexos e tensões existentes entre as determinações estruturais e conjunturais do atual momento brasileiro, em sua relação com a dinâmica social do capitalismo. Os referenciais teóricos que fundamentam a presente pesquisa é

---

<sup>15</sup> Estudante do Curso de História – Campus Cora Coralina, Bolsista do PIBID/UEG, integrante do NUDHEM.

<sup>16</sup> Docente da UEG, Coordenador do NUDHEM, Orientador/Tutor. E-mail: rosivaldo2705@hotmail.com

Enguita (1989) e Bourdieu (1998).

O projeto de pesquisa, iniciado no ano de 2018, articula-se ao ensino e a extensão universitárias praticadas pelo Núcleo de Direitos Humanos, Educação e Movimentos Sociais (NUDHEM), instalado no Campus Cora Coralina envolvendo docentes e discentes pesquisadores que ´materializaram várias atividades ao longo de sua realização: Visitas iniciais na Escola Terezinha de Jesus Rocha e na Escola Família Agrícola de Goiás em 2018; Incursão da Pesquisa Participante na Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO), envolvendo o Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATÁ) e o Grupo Ticas de Matema no ano de 2019, o Seminário sobre Educação do Campo e Pesquisa Participante (2019); o Seminário Virtual de Educação do Campo (2020) e o Seminário Interno de Pesquisa para apresentação dos relatórios parciais da pesquisa realizada pelas estudantes bolsistas de iniciação científica em 2021, de forma virtual, através da plataforma virtual Google Meet.

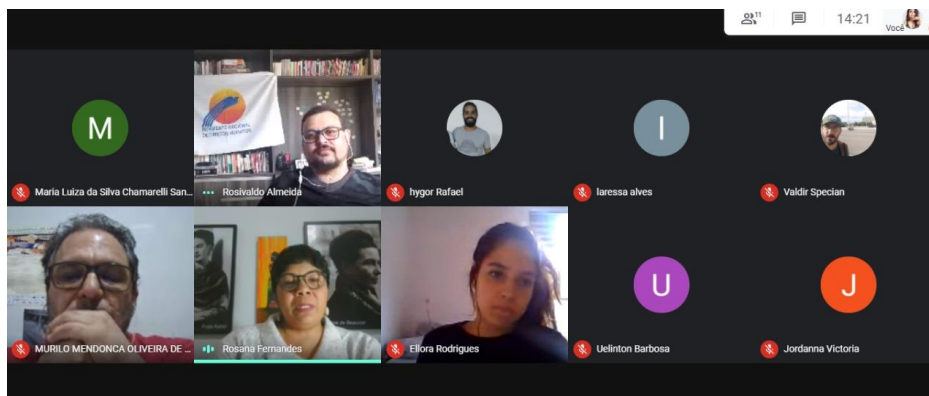


Imagem: Pátio da Escola Terezinha de Jesus Rocha

Infelizmente, nosso trabalho de campo de campo foi interrompido em função da Pandemia de Covid – 19, dando início as atividades virtuais, conforme apresentamos no texto acima<sup>17</sup>. Como consequência tivemos que nos adaptar ao novo normal, assistindo as aulas e palestras de maneira remota, que está sendo o meio mais usado entre as pessoas atualmente.

---

<sup>17</sup> A Pandemia teve seu início em 1 de dezembro de 2019 em Wuhan e no Brasil em 26 de fevereiro de 2020, fazendo com que escolas, faculdades e lugares públicos fechassem para não haver aglomerações.



Seminário Educação do Campo e Pesquisa Participante realizado no contexto da Pandemia de Covid – 19 em 2021

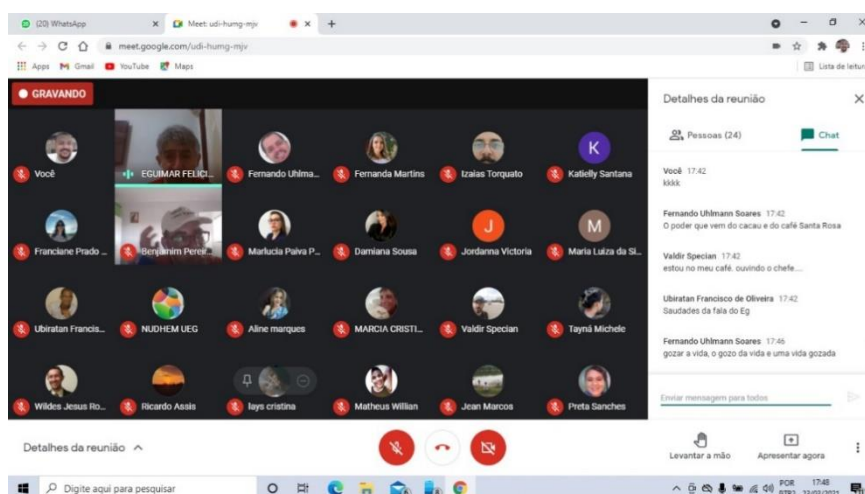


Imagem: Seminário Interno de Pesquisa realizado em 23 de março de 2021

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A REALIDADE DAS ESCOLAS DO CAMPO NO BRASIL

Ao longo da pesquisa buscamos apreender a educação do campo a partir de professores que abordam esse objeto em Goiás, através dos seus trabalhos de ensino e pesquisa. Edson Batista da Silva, pesquisador referência na matéria em tela, apresenta no seu trabalho a precariedade das condições das escolas do campo no Brasil, as escolas são totalmente precárias, não possuem hortas, pomares, biblioteca, são construções provisórias e inadequadas para a materialização de uma educação escolar de qualidade. Em trabalho de orientação de estágio supervisionado e de pesquisa em Minaçu – GO, nos diz que “um dos problemas graves da escola é o fato de não possuir espaço para a biblioteca e nem acesso à internet. A escola desenvolve atividades em tempo integral devido à distância da casa dos alunos” (SILVA, 2018, p.148)

No entendimento do autor as crianças não têm tanto incentivo e vontade de continuar no campo

pois são muito desvalorizados, e as condições de ir à escola também é muito precária, como ficou demonstrado em pesquisa feita no Município de Minaçu eles dizem que querem morar na cidade, pois os jovens enxergam o urbano como sinônimo de progresso e o campo como atraso, é tão grande a dificuldade, pois os alunos não vão as escolas por falta de água, um bem que todos deveríamos ter.

Esse processo é revelado nas falas dos estudantes entrevistados sobre como veem o campo, e perguntado se sentem esperança em permanecer neste local, eles afirmam: “é muito difícil morar no campo”, “quero mudar para a cidade”, “pretendendo morar na cidade, em busca de emprego, estudos e desenvolvimento”

É notório que a grande dificuldade para estudar ter melhorias nas escolas do campo, falta de estruturas nas escolas, falta de educadores, como ficou evidente nas visitas no trabalho de campo com o Dr. Rosivaldo Pereira de Almeida, na Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, no Distrito da Barra, também conhecida por Buenolândia, lugar de trabalho da professora que entrevistamos.

Através da pesquisa pudemos observar as dificuldades começam em casa, pois muitos pais não sabem como ensinar seus filhos e as vezes não tem nem o que comer antes de ir à escola. Um exemplo que podemos dar é da escola Buenolândia, pois as crianças ficam todas juntas, com 86 alunos que vem em dois transportes do município contendo 14 funcionários.

## **A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA ROSÁRIA DOS REIS FRANCISCO DOS SANTOS E OS SENTIDOS DA ESCOLA**

Durante os trabalhos de campo, entre uma visita e outra, tivemos a oportunidade de conhecer a professora Rosária dos Reis Francisco dos Santos, na Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha. Trata-se de uma mulher negra, como se considera nossa informante, profissional da educação básica, única professora da escola, que mora no Distrito da Barra, pois os outros professores habitam na cidade de Goiás e são vão para a escola através do serviço de transporte rural. Questionada sobre sua trajetória de vida, lutas e desafios, nos informou que sua vida não foi fácil, desde pequena.

Em sua fala ficou evidenciada o orgulho de sua raça negra, “me considero uma mulher negra e com muito orgulho”. Com sua condição de mulher negra e professora atuante em escola do campo, ela trabalha na Escola desde o ano de 2002. Afirma-se, desde sempre, como camponesa que teve a oportunidade de se escolarizar-se em uma escola do campo multisseriada.

Com déficit de idade/série concluiu seus estudos escolares por meio de curso supletivo na época ainda não existia a nomenclatura (EJA), enfim conclui o Ensino Fundamental, antiga 8ª série. No ano seguinte surgiu a oportunidade de trabalhar com alfabetização de jovens e adultos no assentamento Rural

de Reforma Agrária Mata do Baú, com aulas ministradas á noite, porém, na região ainda tinha energia elétrica e esse detalhe atrapalhava bastante, exigindo da professora e dos alunos um esforço diário, mas a vontade de aprender a ler e escrever era tamanha que os alunos faziam vaquinha para comprar gás e abastecer um pequeno lampião, fixado no meio da sala .

Depois de trabalhar com alfabetização de jovens e adultos atuou na educação infantil, com as crianças do assentamento,

superamos o problema da falta de energia, pois as aulas aconteciam no período da manhã, porém os desafios continuavam, a escola não tinha nenhuma estrutura física, era uma escola sem parede, apenas coberta de palha e lona preta, de chão batido e bancos feitos pelos pais das crianças em regime de mutirão. Cada aluno trazia sua garrafinha de água para beber, e faziam suas necessidades no mato, nessa escola trabalhei por dois anos e apesar da precariedade consegui realizar um bom trabalho pois éramos desprovidos de estrutura física, mas motivados por uma grande vontade de aprender.

Em nosso entendimento a Professora Rosária, movida por um desejo de ensinar e os estudantes motivados pelo desejo de apreender, ultrapassaram as barreiras das possibilidades limitadas pelas condições objetivas e subjetivas, tão necessárias aos processos de ensino e aprendizagem. De empregada doméstica passou a professora da educação básica do campo. “Eu que até só havia trabalhado como empregada doméstica me sentia muito orgulhosa de ter me tornado professora, mesmo sem nenhuma formação ganhando um salário baixo essa condição me motiva crescer e buscar novas oportunidades”

No ano de 2001 cursou magistério, curso foi exclusivo para professores sem formação que estavam atuando em salas de aula no Município e teve duração de dois anos. através do modo semipresencial, no período de férias assistia aulas presenciais e no período letivo estudava o material de apoio, acompanhada por professores que vinham da cidade.

Nesse período foi construída a primeira escola Polo do Município de Goiás que tinha como objetivo proporcionar aos alunos do campo melhor qualidade de ensino. A mudança para uma escola com boa estrutura motivou Rosária a continuar estudando. Concluiu o curso de magistério em 2002, e no final de 2003, foi aprovada no vestibular para o curso de geografia na Universidade Federal de Goiás. Morar no campo sem acesso á internet é ir diariamente para a universidade, foi um desafio gigantesco, mas sua iniciativa encorajou outras mulheres de assentamentos a também prestarem vestibular e entrar para a universidade.

tenho muito orgulho de minha luta e de minha trajetória. Como sempre trabalhei nas series iniciais fiz também o curso de pedagogia e me especializei em alfabetização e letramento que é a minha grande paixão. Ver uma criança lendo suas primeiras palavras me motiva a seguir e não desistir diante das adversidades. Tenho orgulho de ser professora na escola municipal Terezinha de Jesus Rocha, aliás Terezinha de Jesus Rocha era uma mulher negra, atuante na comunidade de Buenolândia, fui sua aluna e sempre que posso tenho muito orgulho de contar sua história.

Questionada sobre sua vida acadêmica, não soube precisar um número exato, de sua participação

em congressos, seminários, projetos de ensino durante os cursos de formação e militar nas causas das mulheres negras. “já tive o prazer de compartilhar experiências com muitas mulheres negras, isso prova, que felizmente a mulher negra vem conquistando espaços que antes eram predominantemente ocupados por brancos”, mas vale ressaltar que essas conquistas não acontecem de um dia para o outro, conquistar o respeito, ter reconhecimento ter as mesmas condições de acesso ao trabalho e a por exemplo educação deveria ser um processo natural, mas para pessoas negras nem sempre é assim é em muitos casos precisamos provar constantemente que somos capazes ou temos qualificação para assumir determinados cargos ou funções.

No decorrer do desenvolvimento do nosso trabalho a professora Rosária nos informou que, como mulher negra, cotidianamente, sobre algum tipo de preconceito, perguntas do tipo mas você é mesmo professora? Fez faculdade? As perguntas em si não apresentam nenhum preconceito se não viessem acompanhadas de um olhar de desconfiança, de um risinho irônico. Mas sempre superou sem maiores problemas, mas um fato marcante nos foi relatado: No primeiro turno da última eleição para governadores e presidente (ano de 2018); como responsável pelo prédio da escola no dia das eleições, em um determinado momento um policial militar foi desrespeitoso com ela, mas quando descobriu que era a responsável por tudo ali e que o seu superior havia recomendado que qualquer coisa que precisasse poderia falar com ela ficou extremamente sem graça e ainda comentou “não em sua presença” que pensou que ela fosse a faxineira da escola, ou seja, “pelo simples fato de ser negra, ele logo imaginou é a faxineira diante desses fatos que são infelizmente corriqueiros, percebe-se que o preconceito está presente em nossa sociedade de diversas formas, pela cor, pela profissão, visão dele uma por ser faxineira a pessoa pode ser maltratada, tratada de qualquer jeito”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos então através dos estudos e o questionamento que até hoje temos sim preconceito no nosso dia a dia mais que podemos vencer utilizando o meio da educação para darmos um bom exemplo independente do que somos. A educação é um caminho que pode transformar pessoas para ter uma vida melhor um aprendizado e um ensino de qualidade.

## REFERÊNCIA

SILVA, Edson Batista da; Uma Análise da Educação do Campo a partir da Realidade Escolar do Município de Minaçu: 2011, 2013. in. SOUZA, Murilo Mendonça de (org). **Educação no Campo, Lutas, Experiências e Reflexões**. Goiânia: Ed. UEG, 2018.